

# GUERRA DE COCO CONTRA OS BRANCOS

***Frentes pioneiras, uma estrada e muitos sertanistas não conseguiram, até hoje, qualquer contato com os Arara***

Henri Coudreau, na viagem de pesquisa ao Xingu, em 1896, já se referia aos Arara como "nação indígena misteriosa por excelência". Observou que eram de porte elegante e pele clara. Teve também a atenção despertada para a beleza das mulheres, e disse que nas suas andanças miscigenavam-se de muito bom grado

Os índios Arara são talvez, atualmente, o grupo indígena que mais obstinadamente resiste a qualquer tipo de aproximação com os ci-

com outros grupos tribais, como se tivessem a intenção de desaparecer como povo. Falava ainda Coudreau dos Arara bravos das cabeceiras do Curuá, onde viviam quase isolados dos outros Arara, provavelmente misturados aos negros dos mocambos do Curuá de Ituqui.

vilizados. Diversas expedições foram organizadas para tentar contato, mas sem sucesso. Nenhum índio Arara foi visto até agora a me-

nos de 50 metros de distância, o que dificulta a fixação de seus traços étnicos e suas características culturais.

Arara foi o nome dado à tribo indígena que habitava o baixo Xingu, ou das tribos homônimas tupi e xapacurá, da bacia do Madeira, ou tribo homônima pano, da bacia do Juruá.

Existe atualmente um grupo Arara vivendo entre os quilômetros 80 e 160 ao sul da Transamazônica, em constante movimentação, devido à incursão de aventureiros e ao avanço das frentes colonizadoras que se espalham em todos os sentidos.

### TENTATIVAS

Afonso Alves da Cruz, encarregado da frente de atração dos Arara, trabalha há mais de 13 anos, tentando estabelecer uma aproximação com esses índios.

Em 1965, ele teve ocasião de ver pela primeira vez um pequeno grupo de Arara, quando ainda integrava a frente de atração dos Kreen-Akarore. Juntamente com outros elementos, conseguiu penetrar no acampamento deles, mas foram repelidos e tiveram que bater em retirada. Esse episódio ocorreu nas proximidades do rio Penetecau, que agora dista 15 quilômetros da Transamazônica.

Dois anos depois, quando o pessoal de Altamira abria uma picada em direção a Santarém, os índios apareceram e desta vez mataram um trabalhador e feriram outro.

“Na ocasião — conta Afonso Alves da Cruz — empreendemos uma expedição, da qual faziam parte Orlando Villas Boas, Cláudio, Meireles e eu. Descemos o rio Penetecau até um posto da FUNAI dos Kreen-Akarore. Conseguimos ir até a aldeia dos Arara, mas não encontramos ninguém. Íamos prosseguir, mas tivemos de retornar em virtude de uma contusão na perna do sertanista Meireles.”

Em 1970, com os trabalhos da Transamazônica, Afonso Alves começou a chefiar a frente de atração dos Arara. Por essa época atinge a aldeia deles na altura do quilômetro 70 da rodovia, mas já os índios haviam atravessado a estrada seguindo para o lado sul.

Em dezembro do mesmo ano não houve atividades da frente, que só veio a reativar-se em janeiro de 1971.

Afonso Alves disse que, apesar da distância, pôde ver alguns traços desses índios: são claros, andam inteiramente nus, sem qualquer adorno ou cinto. O corte do cabelo é em tudo semelhante aos xinguanos.

Um índio Arara de nome Ananu integra ainda hoje a frente. Foi ele quem tentou diálogo com o grupo arredio. A resposta foi para que fossem embora, pois não queriam qualquer aproximação com os brancos. Para evitar atrito, a frente se retirou. Mais tarde porém os homens da frente tornaram a ver os Arara, mas desta vez não se estabeleceu qualquer comunicação com eles.

“Em 1973 — diz Afonso Alves — topei pela terceira vez com um grupo, mas eles não falaram, e fugiram logo que nos viram. No ano seguinte a frente foi desativada, com a minha designação para servir em Manaus. Em março de 1976, os Arara atacaram membros da Companhia de Prospecção de Recursos Minerais, quando morreram três pessoas. Fui então mandado para Belém, a fim de reativar a frente, o que não ocorreu por falta de recursos. Fiquei parado em Altamira”.

Com a disponibilidade de recursos, no ano seguinte, foi organizada a frente, que chegou a penetrar na aldeia dos Arara. Um rapaz foi flechado. Desta vez a frente levava, além do índio Arara, dois Palikur e outros rapazes que falavam o tupi.

Ainda desta vez não chegaram à aldeia. Eles falaram muito, mais os dois índios Palikur e os civilizados nada entenderam. Somente o Arara que acompanhava a expedição compreendeu que o grupo arredio estava dando ordens para cercar a frente.

“Eles queriam nos pegar — prossegue Afonso Alves. Abandonamos o local e fizemos uma parada a mais ou menos um quilômetro de distância, quando um trabalhador nosso — Milton Batista Lucas — foi flechado. Isso ocorreu no dia 17 de setembro do ano passado. Com o companheiro ferido, tive de abandonar as picadas deles e viajar pelo mato, à noite, até atingir um ramal do INCRA e assim sair na Transamazônica. O ferido foi depois levado de ambulância para Altamira”.

Por essa ocasião surgiu a idéia de que talvez os índios do Xingu pudessem auxiliar no trabalho de atração, pois os Txição parecem ser do mesmo tronco linguístico dos Arara. A ida desses índios demorou três meses. Antes disso, Afonso Alves montou um acampamento no quilômetro 120 da Transamazônica. Nesse meio tempo, os Arara apareceram mas sem possibilidade de um diálogo. Eles vieram à noite e jogaram grande quantidade de pedras, enquanto batiam nas árvores, impossibilitando qualquer tentativa de aproximação por parte da frente.

Entre setembro de 1977 e abril de 1978, verificaram-se dois acidentes, quando os Arara feriram dois auxiliares da frente. Após o último ataque, ocorrido no dia 8 de abril, verificamos que os índios tinham abandonado a aldeia situada naquela região.

“Face às ocorrências — explica Afonso Alves — fomos autorizados pelo chefe da Ajuda a nos deslocar para Altamira, e estudar novas medidas para reinício dos trabalhos. Os índios Txição e Juruna, que solicitamos ao Parque do Xingu, chegaram no dia 17 de maio deste ano.”

Os xinguanos deveriam, se possível, servir de intérpretes, sob a chefia do Pionim Kayabi, nomeado auxiliar de Encarregado da Frente para ajudar a missão. Com um avião fornecido pela FUNAI, a equipe sobrevoou a área de perambulação dos Arara, tendo localizado novo aldeamento, à altura do travessão do quilômetro 143, da Transamazônica. Nessa ocasião deixamos cair farinha de mandioca, miçangas, colares, flechas de outros índios e também fotografias de vários grupos tribais, segundo técnica adotada por Orlando Villas Boas.

De volta, a equipe providenciou, em curto prazo, a mudança do acampamento do quilômetro 120 para o 143, nas proximidades da Fazenda Maracajá. Com tudo arranjado, foi feita nova penetração à aldeia avistada. Os índios haviam fugido. Na aldeia foram encontrados diversos objetos utilizados pelos brancos, como garrafas vazias e algumas latas, o que fez supor à equipe haver algum civilizado entrado em contato com os Arara.

Daí ter Afonso Alves solicitado novamente o avião para outro sobrevôo e até mesmo um helicóptero para melhor reconhecimento, e estabelecer ou não a certeza da presença de branco entre eles. Um contratempo impediu que a equipe voasse. Com isso, os membros da frente de atração regressaram ao acampamento para traçar planos.

Foram feitas novas penetrações na área, sem se obter contudo qualquer resultado positivo. Numa destas vezes encontraram uma aldeia abandonada recentemente, e nela alguns utensílios indígenas. A equipe acampou durante alguns dias nas imediações, aguardando sem resultado a volta dos índios.

Os Arara somente se fizeram notar nos dias 25 e 26 de junho, quando à noite se aproximaram de nosso acampamento — diz Afonso Alves. Os índios intérpretes que auxiliam a frente

tentaram um diálogo, mas não obtiveram resposta. No dia 8 de julho, a frente foi informada, através da Ajudância de Altamira, que os Arara estariam perambulando pelas proximidades da margem esquerda do rio Iriri e sua foz no Xingu, mais precisamente nas terras do fazendeiro conhecido pelo apelido de Nenê, onde colhiam alimento nas roças dos moradores. Quatro dias depois de recebidas essas notícias, um grupo de seis homens chefiados por Afonso Alves chegou ao local. Fizeram um reconhecimento pelas imediações, mas não os encontraram.

“O jeito — diz Afonso Alves — foi mais uma vez voltarmos para o acampamento. No dia 21, saímos para novas buscas e resolvemos visitar novamente a aldeia abandonada para verificar se eles tinham aparecido. Mas tudo em vão. Já então os índios do Parque do Xingu manifestavam vontade de regressar. Por isso entramos em contato com a Ajudância e o PQXIN, no sentido de substituí-los por outros índios. Assim foi feito. No dia 27 de julho, ao chegarmos em nosso acampamento, tivemos a surpresa de constatar que os Arara haviam levado todo nosso estoque de alimento e roupas, deixando apenas o gerador e o rádio. Ficamos reduzidos ao que levávamos: pouca comida e a roupa do corpo. No dia seguinte providenciei a ida dos índios intérpretes para Altamira, de volta ao Parque do Xingu”.

No dia 31 desse mesmo mês, os índios voltaram a visitar à noite o acampamento, desta vez atirando pedras e cocos babaçu. Ao amanhecer Afonso Alves e seus companheiros deixaram nas imediações alguns facões, machados, farinha de mandioca e outros objetos, que foram apanhados depois pelos Arara. Esse fato faz supor que os índios arredios estão se aproximando. E nesse ritmo não demorará muito a definitiva aproximação dos Arara com os civilizados.

## DIFICULDADES

Os trabalhos desenvolvidos na região tornam-se difíceis e perigosos, em decorrência do passado dos Arara, que viviam em constantes conflitos com o pessoal de Altamira e também pela incursão de aventureiros, que se embrenham pela mata em busca de peles de animais.

O sertanista revela que apesar da fiscalização, os caçadores burlam a vigilância das autoridades, podendo dessa forma verificar-se choques com os índios, o que fatalmente porá em perigo os elementos da frente de atração.

O avanço da colonização que ocorre em todos os sentidos, atingindo a região de influência dos Arara, também se constitui num obstáculo que aumenta dia a dia, pois ocasiona a redução da área de perambulação do grupo. Hoje, as suas roças e aldeamentos, visitados pela frente estão apenas a seis quilômetros dos últimos lotes de colônias, situadas ao longo da Transamazônica, no sentido Altamira-Itaituba, sem falar dos moradores da margem esquerda do rio Iriri.

Afonso Alves acredita que com a interdição da área decretada pela FUNAI, seja possível controlar a penetração de elementos estranhos.

Dificulta a sobrevivência da frente na mata o fato de terem de evitar as caçadas na área. De outro lado, os igarapés são pequenos e sem peixes. A frente transporta enlatados, charque, carne e peixe salgado.

## EQUIPE

Até o dia 1.º de agosto último, a frente de atração era composta pelo sertanista Afonso Alves da Cruz, Encarregado da Frente; Benigno Pessoa Marques, e Pionim Kayabi, auxiliares do Encarregado da Frente, Ananu

Arara, José Darwinch da Silva, José Engrácio Borges de Abreu, Milton Lucas Nascimento, Manoel Lucas Batista, Pedro Rosinaldo Tiotio, Roberto Nonato Waitia, Raimundo Batista Magalhães e Wilson Monteiro Brandão, auxiliares de serviço. Integravam a equipe, como intérpretes, os índios Txicão Karaibá, Karani, Payucá, Katabo e ainda os índios Juruna Quarta-Feira, Karandindi e Pissacá.

## COSTUMES

Devido à constante movimentação na mata, os Arara não têm casas, mas rústicas coberturas, onde passam poucos dias. Nas aldeias as casas são maiores, de duas águas. As paredes do lado de fora são de palha. Pelo lado de dentro foram com cascas de árvores, geralmente de jatobá.

Para a alimentação, caçam o porcão (porco do mato), queixada, macaco e jabuti.

Afonso Alves informou que jamais viu paca nas suas andanças pela mata, e que a região de perambulação dos Arara é muito pobre em peixe. O rio Iriri fica muito longe. Em suas margens vivem seringueiros, daí não irem os índios pescar em suas águas.

Nas aldeias abandonadas que encontrou antes dos trabalhos de abertura da Transamazônia, viu roças com cultura de batata, inhame, abacaxi, mandioca, mamão. Hoje, devido às constantes deslocamentos, não existe mais qualquer tipo de roça.

## ANANU

O índio Arara Ananu, que integra a equipe, tinha quatorze anos quando foi atraído por um grupo Juruna. Hoje, com aproximadamente 50 anos, não se recorda mais dos costumes de seu povo. Sabe apenas que fazia parte de

um grupo de mais ou menos 40 pessoas, do qual é o último sobrevivente.

Esse índio tem sido de muita valia para a frente de atração, como intérprete.

## PICADAS

O grupo arredio que a frente procura contatar há tantos anos somente abre picadas nas proximidades de suas aldeias, o que torna difícil encontrar seu rastro na mata. Quando em perambulação, quebram galhos com a mão à altura aproximada de 1,50 metros. Por esses sinais os sertanistas sabem de sua passagem e direção.

## OUTRO GRUPO

Afonso Alves revelou que na região de influência dos Arara existe um outro grupo arredio ainda não identificado. É um grupo meio estranho pelos costumes que o sertanista teve oportunidade de constatar em seus acampamentos abandonados. Enquanto outros grupos têm o hábito de assar a caça em jiraus, este grupo desconhecido que habita o lado sul da Transamazônia assa a carne diretamente nas pedras aquecidas.

Os indícios fazem crer se trate de grupo pertencente ao tronco tupi, especialmente pelo exame de uma rede abandonada.

## FLAUTA

Na entrevista que concedeu à RAI, às vésperas de seu embarque para a selva, Afonso Alves fez uma curiosa revelação:

"Por mais de uma vez vi os índios Arara levando uma estranha flauta, foi feita de crânio humano. Eles taparam os orifícios auriculares e oculares e colocaram uma taboca de mais ou menos 40 centímetros na altura do nariz por onde sopram". Os dentes da caveira foram arrancados".